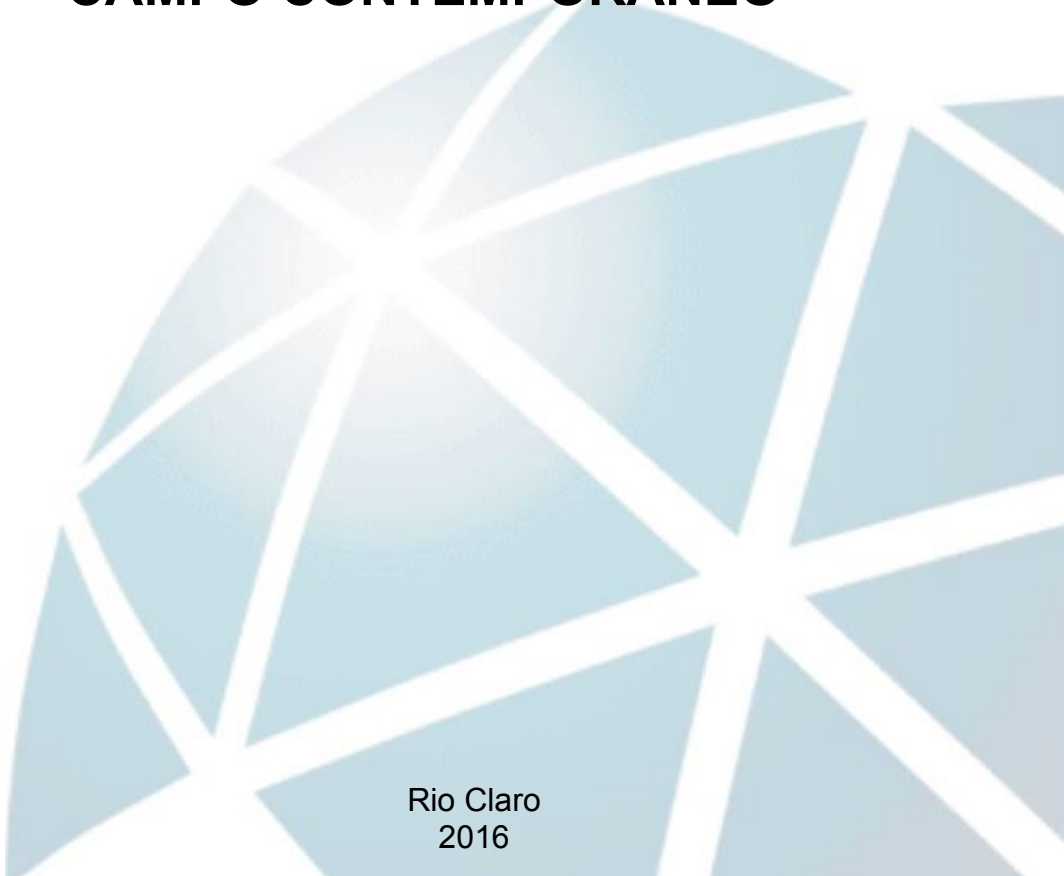

EDUCAÇÃO FÍSICA

**MARCUS VINICIUS ABADE RODRIGUES DA
SILVA**

**FATORES QUE INFLUENCIAM NOS NÍVEIS DE
AUTOEFICÁCIA DE JOGADORES DE FUTEBOL DE
CAMPO CONTEMPORÂNEO**



Rio Claro
2016

MARCUS VINICIUS ABADE RODRIGUES DA SILVA

**FATORES QUE INFLUENCIAM NOS NÍVEIS DE AUTOEFICÁCIA NOS
JOGADORES DE FUTEBOL DE CAMPO CONTEMPORÂNEO**

Orientador: Afonso Antonio Machado

Co-orientador: Renato Henrique Verzani

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de bacharel em Educação Física.

Rio Claro
2016

796.334 Silva, Marcus Vinicius Abade Rodrigues da
S586f Fatores que influenciam nos níveis de autoeficácia nos
jogadores de futebol de campo contemporâneo / Marcus
Vinicius Abade Rodrigues da Silva. - Rio Claro, 2017
28 f. : il., figs.

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação
física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro Orientador: Afonso Antonio
Machado

Coorientador: Renato Henrique Verzani

1. Futebol. 2. Psicologia do esporte. 3. Atletas. 4.
Atualidade. I. Título.

RESUMO:

Este estudo tem como objetivo geral identificar por meio de uma pesquisa bibliográfica o nível de autoeficácia em jogadores de futebol de campo da atualidade, como também avaliar as possibilidades e formas de se abordar um novo método de trabalho com perspectiva de melhora desta variável psicológica nos atletas. Isto é possível através de uma investigação no contexto futebolístico e suas implicações no estado psicológico do atleta, desde sua parte profissional quanto a pessoal, no qual ele está inserido, nos diversos ambientes que fazem parte do seu cotidiano, como alojamentos, concentração, a relação treinador-atleta, torcida-atleta, além das interferências das novas e velhas mídias, entre outros, verificando a conexão destes fatores com a autoeficácia do esportista. Verificar como e quando os fatores citados anteriormente manifestam-se e contribuem para que o indivíduo apresente melhora ou piora na variável psicológica estudada também do trabalho, procurando encontrar formas e estratégias de minimização de estímulos que comprometem a autoeficácia, bem como encontrar novas maneiras do jogador conviver com tais manifestações. Dessa forma o estudo seria uma ferramenta a contribuir aos técnicos, treinadores, psicólogos esportivos e demais profissionais envolvidos com a modalidade, oferecendo um conhecimento mais detalhado sobre a importância da psicologia do esporte também da autoeficácia para que se atinja cada vez mais uma melhora na performance e resultados satisfatórios, elevando os níveis de nossos atletas e do futebol nacional. Discutir e investigar diferentes processos envolvidos na formação, preparação e execução das ações por esses atletas é de extrema importância, a integração dos componentes da família, da torcida, do técnico e das mídias sociais, essa que cada vez interfere de maneira mais significativa no desempenho dessas pessoas, também são grandes preocupações dos profissionais envolvidos com o futebol. Assim é necessário analisar as funções de todos envolvidos nesse processo de consolidação do atleta e de seus resultados, o papel específico da educação física e psicologia do esporte, a necessidade de estruturação e desenvolvimento de um novo tipo de trabalho nos clubes de futebol são relevantes para o cenário esportivo atual, que parece mostrar uma fragilidade que nós brasileiros ainda não enxergávamos e começamos a observar por meio de sucessivos fracassos, o que nos traz um convite para reflexão sobre o tema.

Palavras-chave: Autoeficácia, Futebol, Psicologia do esporte.

ABSTRACT

This study has the general objective to identify through a literature search the self-efficacy level in present field of soccer players, as well as evaluating the possibilities and ways to approach a new working method with better perspective of this psychological variable in athletes. This is possible through a research in the soccer context and its implications for the psychological state of the athlete, from his professional part as personal, in which it is inserted in the various environments that are part of their daily lives, such as accommodation, concentration, relationship coach-athlete, crowd-athlete, in addition to the interference of new and old media, among others, checking the connection of these factors with the self-efficacy of the athlete. Check how and when the factor mentioned above manifest and contributed to athlete had improvement or worsening at psychological variable studied, finding new ways and strategies to minimization stimulus that commit the self-efficacy and find new ways to the player live with such manifestations. Thus the study would be a tool to contribute with coaches, trainers, sports psychologists and other professionals involved with the sport, providing a more detailed understanding of the importance of sport psychology also self-efficacy to bring it to an increasingly better performance and satisfactory results, raising the level of our athletes and national soccer. Discuss and investigate various processes involved in training, preparation and execution of the actions by these athletes is extremely important, the integration of components of the family, the fans, the technical and social media, the one that increasingly interfere more significantly in performance these people are also major concerns of the professionals involved with soccer. So it is necessary to analyze the functions of all involved in the athlete's consolidation process and its results, the specific role of physical education and sports psychology, the need for structuring and development of a new type of work in soccer clubs are relevant to the current sports scene, which seems to show a weakness that we Brazilians have not see and started to look through successive failures, which brings us an invitation to reflection on the subject.

Keywords: Self-Efficacy, Soccer, Sport psychology.

SUMÁRIO:

1. INTRODUÇÃO	5
2. JUSTIFICATIVA:	7
3. OBJETIVO:	8
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:.....	9
5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA:	10
5.1. Contextualizando o futebol.....	10
5.2. Atletas, suas relações e influências.	13
5.3. Fatores cognitivos, suas relações e implicações.	16
5.4. O papel fundamental da autoeficácia no esporte	19
6. CONCLUSÃO:	23
REFERÊNCIAS:	25

1. INTRODUÇÃO

Futebol, conhecido como esporte coletivo mais popular mundo a fora, tratado no Brasil como paixão nacional, modalidade das multidões, alegria do povo, dentre outros nomes populares que engrandecem e dimensionam sua importância.

Podemos medir seu alcance se observarmos que cerca de 80% da população mundial acompanhou os jogos da Copa do Mundo da África do Sul em 2010 (OLIVEIRA 2012), por meio de diferentes meios de comunicação, como televisão, rádio, internet e nos próprios estádios. Recentemente, na última edição da competição, que foi sediada no Brasil, houve um público total de 3.429.873 pessoas, sendo a segunda maior marca da história das Copas do Mundo.

Não sabemos exatamente quando surgiu, mas descobertas feitas por historiadores nos mostram alguns indícios de diferentes jogos com bola, em várias culturas antigas, embora esses ainda não fossem o futebol, pois não existia uma sistematização da prática, sem regras específicas, nem formas de disputa. Contudo, já podíamos notar um interesse do homem desde os tempos antigos por esse tipo de esporte.

Relata-se que na China Antiga, por volta de 3000 a.C, havia um tipo de treinamento militar que consistia na divisão de duas equipes, cujo objetivo de ambas era chutar a cabeça de soldados inimigos, resultantes destas guerras, o que também servia como um costume para comemorar as vitórias após as batalhas (SOUZA NETO, 1994). Com o tempo, as cabeças dos inimigos foram sendo substituídas por bolas de couro revestidas com cabelo e, assim foi se desenvolvendo na china o que um dia daria início ao futebol.

Já na Idade Média, existem relatos de uma prática parecida com o futebol, chamado de "harpastum", um jogo com bola trazido da Grécia pelos romanos, mas que era muito jogado na cidade de Chester, na Inglaterra, visto que muitos entendem que ali começou a surgir o futebol moderno (BARBIERI, 2009). Este jogo também era praticado por militares que se dividiam em equipes, servindo de uma espécie de treinamento.

Hoje em dia podemos observar que o futebol deixou de ser apenas um esporte e se transformou em um negócio muito lucrativo, movimentando quantias

“imensuráveis” de dinheiro, graças aos contratos milionários, como os televisivos e de patrocínios, contando com envolvimento de grandes marcas e investidores.

Assim, transações de jogadores ultrapassam cifras cada vez mais elevadas, chegando em torno dos R\$ 500 milhões por negociação, como aconteceu na contratação do atacante Gareth Bale para o Real Madrid, em 2013, que custou cerca de 100 milhões de euros (ESPN, 2013).

Devido a essa maior comercialização, existe um envolvimento crescente da modalidade, tornando a torcida cada vez mais presente, podendo gerar inúmeras influências no comportamento do atleta, o que representa um importante determinante externo que, dependendo do atleta, pode influenciar positiva ou negativamente a conduta e dificultar a maneira em que se adapta e se ajusta a diferentes situações (MACHADO, 1997).

Enfim, fatores intrínsecos e extrínsecos podem influenciar a conduta do jogador de futebol, dependendo da forma como este vê e reage diante das situações que permeiam o contexto futebolístico. Necessita-se avaliar tal contexto, detectar os diferentes estímulos que podem comprometer o comportamento do atleta e encontrar alternativas capazes de otimizar o rendimento desses.

Para isso, a teoria da autoeficácia (BANDURA, 1986) vem se destacando como uma importante teoria de competência ou de eficácia. A principal ideia desta é que o início e a persistência em um dado comportamento e em um dado curso de ação são determinados, primeiramente, pelos julgamentos e expectativas que dizem respeito às habilidades comportamentais, às capacidades e a probabilidade de ser capaz de lidar de forma bem-sucedida com as demandas ambientais e com os desafios.

Desta forma, verificar como e quando os fatores investigados manifestam-se e contribuem para que o indivíduo apresente melhora ou piora na variável psicológica estudada, procurar formas e estratégias de minimização de estímulos que comprometem a autoeficácia e encontrar novas maneiras do jogador conviver com tais manifestações, se tornam de extrema relevância.

2. JUSTIFICATIVA:

Este trabalho justifica-se por sua tentativa de compreender os fatores que interferem na autoeficácia do atleta de futebol na modernidade, assim como eles veem e reagem a diferentes estímulos.

Desta forma, devido a diversas causas, pessoais e profissionais, intrínsecos ou extrínsecos, esses fatores podem acarretar de algum modo em déficit de rendimento e insucesso por parte desses esportistas, o que altera a conduta e, conseqüentemente, reflete no seu desempenho diário, não permitindo atingir a sua melhor performance.

Discutir e investigar diferentes processos envolvidos na formação, preparação e execução das ações por esses atletas é de extrema importância, bem como a integração dos componentes da família, da torcida, do técnico e das mídias sociais. Essa relação com as mídias sociais pode ser mais um aspecto de interferência no desempenho, passando a ser também dignas de grandes preocupações dos profissionais envolvidos com o futebol.

Assim, é necessário analisar questões referentes a todos os envolvidos nesse processo de consolidação do atleta e de seus resultados. Além do papel específico da educação física e da psicologia do esporte, na necessidade de estruturar e desenvolver um direcionamento para mudanças no trabalho dos clubes de futebol, atingindo categorias de base e também times universitários. O que se torna relevante para o cenário esportivo atual, que parece mostrar uma fragilidade que começamos a observar por meio de sucessivos fracassos, o que nos leva a um convite para reflexão sobre o tema.

3. OBJETIVO:

Este estudo possui como objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre o nível de autoeficácia em jogadores de futebol de campo da atualidade, sejam esses atletas universitários ou juvenis, como também avaliar as possibilidades e métodos de trabalho, cuja perspectiva é encontrar melhora desta variável psicológica.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

O estudo ocorreu por meio de pesquisa bibliográfica, permitindo identificar novas técnicas e métodos, favorecendo trabalhar de maneira a desenvolver a autoeficácia, atingindo melhores resultados e níveis de satisfação dos atletas. Esta pesquisa ocorreu nas bases de dados Pubmed, Scielo, Google Acadêmico, além da utilização de alguns livros que se mostraram pertinentes com o tema trabalhado.

Utilizou-se na busca as seguintes palavras: “futebol”, “autoeficácia” e “estados emocionais”. Desta forma, utilizamos como critérios de inclusão trabalhos relacionados com a autoeficácia e estados emocionais que se relacionaram com futebol. Estes trabalhos contribuíram para a compreensão da teoria da autoeficácia, do desenvolvimento dos esportes e do futebol mundialmente.

Devido a importância de identificar essa evolução no esporte desde seus primórdios, assim como a necessidade de explicar a teoria da autoeficácia, não adotamos um critério relacionado ao período de tempo desses artigos, livros ou demais periódicos.

Nos critérios de exclusão não utilizamos artigos que abordassem a autoeficácia no âmbito do ensino escolar, muito presente em nossa literatura, ou demais atividades que não fossem relacionadas ao esporte, assim como os artigos voltados aos estados psicológicos, que não mostravam relação com o esporte, atletas ou interferência na performance.

5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA:

5.1. Contextualizando o futebol

Como já abordado anteriormente, o futebol vem sofrendo inúmeras mudanças ao longo do tempo, mesmo antes de se consolidar uma prática esportiva, já sabíamos de formas primitivas da prática. Souza Neto (1994) relata que soldados chineses realizavam uma espécie de treinamento militar cujo objetivo era chutar a cabeça de soldados inimigos, resultantes destas guerras, que também servia como um costume para comemorar as vitórias após as batalhas. Outras práticas ocorriam em diferentes lugares na Idade média, por exemplo, na Inglaterra, onde se denominava “harpastum”, que seria uma espécie de precursor do nosso futebol de hoje em dia.

Assim como outras modalidades esportivas e todo nosso meio social, o futebol foi se modificando ao longo do tempo por diversas transformações históricas, e desta maneira perdendo essa relação com rituais, guerras entre outras crenças, para ganhar suas próprias características, como os locais próprios para as competições, regras específicas, igualdade de disputa entre os participantes, levando em consideração os interesses do mundo social, como às exigências da mídia, ao ritmo de trabalho e como uma forma de lazer. (ELIAS; DUNNING, 1992 apud MARTINS, 2007).

Santos (1979) cita que foi somente na Inglaterra, a partir do século XIX, mais especificamente em 1823, que o futebol foi regulamentado, passando por uma série de transformações que definiram um código único de regras claras e objetivas, sistematizando universalmente a prática. A partir de então, o futebol passou a ser difundido para todo o mundo através de clubes, sempre evidenciando duas características bem marcantes presentes neste esporte: 1) de promover integração e interdependência, já que sempre foi praticado por um grande número de indivíduos e; 2) de possibilitar prestígio e ascensão social.

Seguindo essa linha cronológica de pensamento, as modalidades esportivas vêm perdendo certas características no contexto da globalização, para ganharem outras muito importantes, como o status de “negócio”. Os esportes deixam assim de ser simples práticas ou disputas, para se tornarem uma prática financeira das mais rentáveis.

Os números impressionam, como visto no estudo de Oliveira (2012), em que cerca de 80% da população mundial acompanhou os jogos da Copa do Mundo da África do Sul em 2010, por diferentes meios de comunicação, e na última edição da competição, realizada no Brasil no ano de 2014, tivemos um público total de 3.429.873 expectadores que frequentaram os estádios.

Para mensurar em cifras, o relatório final do Plano de Modernização do Futebol Brasileiro (2000) da Fundação Getúlio Vargas (LEONCINI; SILVA, 2004), que inclui desde clubes e federações até as indústrias de equipamentos esportivos e a mídia, o futebol mundial movimenta, em média, cerca de 250 bilhões de dólares anuais.

Nesse mesmo relatório, podemos perceber que no Brasil o futebol é um grande agente da economia, gerando aproximadamente 300mil empregos, com 30 milhões de participantes (formais e não formais), cerca de 500 clubes profissionais, entre outros números expressivos (LEONCINI; SILVA, 2004).

Essa relação entre o futebol e os demais esportes modernos com o “negócio financeiro” em que se tornaram nos trazem novas preocupações e indagações, sendo que cada vez se cobra um melhor rendimento e vitórias desses atletas, levando a novas pressões e preocupações que podem interferir cada vez mais diretamente no seu desempenho.

Diferenças individuais dos atletas, além de questões como a experiência, poderão influenciar positiva ou negativamente a conduta dos mesmos que, conseqüentemente, dificultam a maneira pela qual ele vai se adaptar e se ajustar a diferentes situações (MACHADO, 1997).

Mediado por todas essas interferências do mercado financeiro, notamos cada vez mais fatores que influenciam nas condutas, desempenho e ações em geral de nossos atletas, como as pressões estabelecidas pelo clube através da figura de seus dirigentes, torcida, familiares, treinadores, mídia, entre outros envolvidos direta ou indiretamente com a prática.

Podemos relacionar todas essas influências com os níveis de estresse, ansiedade, motivação, autoeficácia e outros fatores psicológicos que podem acabar por interferir no rendimento desses esportistas, já que é amplamente reconhecido que os fatores cognitivos operam um papel influente no desenvolvimento e no funcionamento atlético (BANDURA, 1997).

Assim, Moraes (1998) afirma que a ansiedade certamente se relaciona com o desempenho, bem como este se relaciona diretamente com altos níveis de autoconfiança, autoeficácia e baixos níveis de ansiedade (LAVOURA; MACHADO, 2006).

A maneira que um atleta reage as distintas situações apresenta grande importância, necessitando uma avaliação de diferentes fatores que permeiam o contexto futebolístico, para se compreender o comportamento e como essas interferências o influenciam, aperfeiçoando o rendimento.

As necessidades deste contexto direcionam para diferentes estratégias, cobrando treinamentos modificados e aperfeiçoados e, com todas essas mudanças, novas ciências se aproximam cada vez mais do esporte.

A psicologia do esporte, que tenta aprimorar a performance desses atletas explicando e intervindo em questões como ansiedade, motivação, estresse, autoeficácia, dentre outras, traz para o esporte de rendimento um novo conceito, no qual há fusão entre o biológico, psicológico e pedagógico na formação esportiva (CASAL, 2000), aliados as questões técnicas, táticas e físicas, que normalmente já são incorporadas no âmbito do treinamento esportivo.

Nesta mesma linha de raciocínio, Weinberg e Gould (2008) nos mostram que os fatores essenciais para o sucesso ou fracasso no âmbito do rendimento esportivo são as dimensões técnica, tática, física e psicológica, assim como é necessário ressaltar que em toda modalidade esportiva há grande envolvimento psíquico, que é de extrema importância no resultado final, e, desse modo, acaba por interferir diretamente no rendimento esportivo do atleta (VENZON, 1998).

Portanto, por meio de uma investigação no contexto futebolístico, nos diversos ambientes e relações que cercam este atleta, observando suas implicações no estado psicológico, mostraremos a importância da psicologia do esporte, verificando a conexão destes fatores com a autoeficácia do esportista.

5.2. Atletas, suas relações e influências.

Ao pensar em esportista de alto nível, sabemos da grande preocupação com o rendimento ou queda de produção. Desse modo, para alcançar os melhores resultados é preciso que o atleta enfrente de melhor forma possível as expectativas e cobranças por parte de seu treinador, familiares, torcedores, companheiros de equipe, além das mídias, cada vez mais presentes hoje em dia (APITZSCH, 1994).

Seguindo esse pensamento, além da preocupação constante em torno da performance esportiva e de todas as variáveis que a influencia, Pesca, Cruz e Avilá Filho (2010) trazem que aspectos como desmotivação, baixa ou alta competitividade, afastamento da família, amigos e demais sentimentos de ausência afetiva, também são obstáculos consideráveis para se atingir os melhores resultados.

Observando essas questões, se torna de grande importância pensarmos com mais profundidade o quanto esses fatores podem afetar os atletas, seus rendimentos e quais seriam as formas mais adequadas para que eles possam enfrentar as dificuldades apresentadas.

Para um bom entendimento das relações que permeiam o atleta de futebol, podemos começar analisando seu treinador, que participa de sua preparação diariamente, o exercendo uma das funções mais importantes para manter o equilíbrio e dinâmica no grupo (OLIVEIRA; VOSER; HERNANDEZ, 2004).

Brandão, Agresta e Rebutini (2002) trazem em seu estudo que os técnicos brasileiros apresentam maiores níveis de tensão, raiva, fadiga, disposição e energia se comparados com seus atletas, isso porque esses têm que desempenhar diferentes papéis diante de suas atividades, que são estressantes, o que acaba implicando em um perfil com maior força de vontade e no desenvolvimento de habilidades para realizar uma maior influência sobre seus atletas.

Pensando em um perfil esperado de treinador, Cratty (1983) traz em sua pesquisa que este deve ser estável, sociável, inteligente, confiante e que se coloque em riscos avaliados, para que consiga manter o controle em diferentes contextos presentes no mundo esportivo, influenciando de forma positiva seus atletas.

Machado (1997) nos diz que a relação entre técnico e atleta depende da personalidade e necessidades de ambos, o que acaba por influenciar o rendimento, positivamente e negativamente, dependendo da correspondência das necessidades apresentadas ou excesso de estímulos inadequados.

Por ser muitas vezes o mais próximo do atleta, em algumas ocasiões sendo até mesmo conselheiro, educador, líder, além de técnico, o treinador acaba por interferir diretamente no desempenho de seus comandados (CARRAVETTA, 2002).

Um fator a se ressaltar nessa relação é que por muitas vezes falta diálogo entre atleta e técnico, quando o posicionamento é predominantemente autoritário, não deixando seu jogador opinar (MARQUES, 2003).

Oliveira, Voser e Hernandez (2004) falam das dificuldades de se trabalhar em equipe, pois se coloca diferentes personalidades, histórias de vida, experiências, competências e outras circunstâncias, para se trabalhar de forma produtiva e conjunta, o que é algo complicado.

Neste sentido, Weinberg e Gould (2008) dizem que diferentes fatores pessoais como idade, nacionalidade, tipo de esporte e diferentes fatores interferem na conduta de um líder, esse podendo ser o técnico, ou algum atleta. Os efeitos desses comportamentos podem ser observados através do desempenho, da satisfação e coesão do grupo.

Desta maneira, é importante que o técnico assuma diferentes papéis, como: de administrador, em diferentes situações, sejam essas de jogo ou extracampo; de amigo, demonstrando preocupação com o bem-estar de seus atletas; e de psicólogo, se adaptando aos diferentes jogadores e garantindo uma boa comunicação, desta forma, atingindo melhores níveis de desempenho (TAHARA; SCHWARTZ; SILVA, 2003).

Pensando um pouco na torcida, Machado (2011) afirma que a presença de público interfere de maneira considerável nas reações de determinados atletas, causando um clima tenso ou até mesmo apatia e inércia.

As interferências da torcida, que pode ser formada direta ou indiretamente por pessoas que se relacionam com os jogadores, podem ocasionar em diferentes níveis de ansiedade, preocupação, alterações físicas, entre outras mudanças psíquicas e fisiológicas (MACHADO, 1997).

Segundo Cratty (1984) o potencial de avaliação da torcida com o atleta é um dos elementos de maior importância que se acredita existir como modificador de desempenho. Além disso, pesquisadores como Lord e Kozar (1989), Weinberg e Gould (2008) reforçam que quanto mais jovem e inexperiente com a prática, maiores são os efeitos da torcida sobre seu comportamento, o que é refletido no desempenho.

Machado (2011) cita que alguns indivíduos se sentem melhor jogando partidas com a presença de público adversário, pois passam a jogar em função desses torcedores ao invés de enfrentar a equipe adversária, já outros atletas não conseguem apresentar um bom desempenho diante de sua própria torcida, mostrando como estes fatores influenciam na performance e são relativos dependendo da pessoa e de seu contexto.

O mesmo autor também afirma que muitas vezes, com o público se manifestando com intenção de incentivar, acaba por causar um descontrole emocional em alguns jogadores, refletindo negativamente em seu desempenho. Isso depende também de outros fatores como idade e experiência, mostrando que quanto mais novo e inexperiente for o atleta, melhor tem que ser o trabalho feito com ele.

Então podemos destacar que o tipo de torcida e a forma com que essa atua acabam por interferir direta ou indiretamente nos resultados obtidos pelo atleta, pois essa torcida acaba sendo formada por diferentes grupos, como familiares, amigos, companheiros de equipe, técnico, espectadores no campo ou através da televisão e rádio, além da própria imprensa. (MACHADO, 2011). Sendo assim, é de extrema importância um amplo conhecimento sobre seus atletas e a torcida que o rodeia.

Apesar do torcedor representar o grande consumidor interessado no futebol, existem outras grandes influências, chamados de consumidores intermediários (LEONCINI; SILVA, 2004).

Para Leoncini e Silva (2004), esses consumidores intermediários acabam por utilizar todos os recursos do meio futebolístico para atenderem ao mercado. Então, os clubes e jogadores acabam tornando-se recursos desses, tendo a mídia como um instrumento para divulgação de produtos e o futebol em geral como mercadoria, ou seja, muitos de nossos atletas vivem com expectativas e responsabilidades que antes não existiam, pois acabam sendo pressionados e expostos por patrocinadores, mídia e pelo próprio clube, por interesse de terceiros que pensam no “negócio futebol”, isso tudo podendo exercer futuras influências em seu desempenho.

5.3. Fatores cognitivos, suas relações e implicações.

Como já apontado anteriormente, é necessário um maior conhecimento e treinamento em diferentes eixos para se alcançar o melhor rendimento possível em atletas de alto nível. Pensando assim, Weinberg e Gould (2008) nos trazem que os fatores técnicos, táticos, físicos e psicológicos são essenciais para o sucesso ou fracasso no âmbito do rendimento esportivo.

Aumentar o conhecimento dos fatores cognitivos se torna imprescindível, como em relação aos níveis de ansiedade, motivação, estresse, autoeficácia, dentre outras variáveis, além das influências que esses trazem ao desempenho prático, não perdendo de vista que a inter-relação entre estes fatores pode ocasionar em um prejudicial efeito cascata.

Neves e Faria (2007) nos apontam que a autoeficácia acaba por influenciar o nível de motivação e comportamento do indivíduo, moldando estes a optarem por situações em que acreditem ser capazes de realizar, o que acaba por interferir em suas escolhas dentro das práticas esportivas, afetando seu rendimento.

Pesca, Cruz e Avilá Filho (2010) afirmam que a autoeficácia pode ser um fator de auxílio no processo de ensino-aprendizagem e no gerenciamento da ansiedade, que por sua vez pode melhorar o desempenho dos atletas, assim como os mesmos autores reforçam o fato da autoeficácia exercer um importante papel na autorregulação da motivação, por meio de metas desafiadoras e expectativas por resultados.

Rabelo e Neri (2005) também seguem por essa linha de pensamento, dizendo que a autoeficácia ou autocracia influencia diretamente nas escolhas das pessoas, nos seus desejos, em sua motivação com a prática e o quanto persistente esse indivíduo será diante das dificuldades que surgirem. Essa autocracia que possuímos sobre as capacidades nos permitem o controle sobre diferentes fatos que influenciam o cotidiano e expressam as realizações e motivações com certo poder sobre os pensamentos, motivação, afeto e ações (BANDURA, 1993).

Cherniss et al. (1993) apresenta que os indivíduos com um nível de autoconfiança elevado tentem a fazer uma autoavaliação positiva em relação as suas capacidades e, com isso, acabam lidando melhor com diferentes situações em suas profissões, se percebendo mais eficazes em suas atividades.

Lavoura e Machado (2006) destacam em um estudo feito com atletas de esporte de aventura que é de grande importância uma abordagem conceitual integradora que compreenda e indique como variáveis e processos psicológicos o estresse, a ansiedade e a ameaça na competição, interagindo e influenciando a autoconfiança, a concentração, a motivação e outros fatores psicológicos, acabando por interferir nas reações emocionais e no comportamento e rendimento humano.

Portanto, é indispensável o conhecimento de determinadas condições que podem influenciar diferentes atividades e seus objetivos, que permitem especificar princípios da autoeficácia a serem ponderados (PESCA; CRUZ; AVILÁ FILHO, 2010). Esses mesmos autores trazem para exemplificar que, na teoria da autoeficácia de Bandura, devemos considerar o controle da ansiedade de um atleta de rendimento antes, durante e após as partidas e provas.

Isso ocorre porque essa compreensão estará relacionada com o controle dos comportamentos, das sensações provocadas pela ansiedade, das reações fisiológicas como frequência respiratória, das respostas impulsivas durante treinamento e/ou competição e das preocupações demasiadas com a performance.

Focando mais na ansiedade, Moraes (1998) afirma que esta certamente se relaciona com o desempenho, podendo variar de acordo com outros fatores, como a dificuldade da tarefa, o ambiente, a torcida, os traços de personalidade, dentre outros. Poucos são os estudos que tentam relacionar essas variáveis em volta do ambiente esportivo.

A ansiedade cognitiva e a somática estão atreladas com o conceito de excitação, que ocorrem devido ativação e mobilização de energia e esses são comumente estimulados através das imposições do ambiente, o que acaba sendo percebido como ameaçador e, dessa forma, altera os níveis de ansiedade e/ou autoeficácia (LAVOURA; MACHADO, 2006).

Lavoura e Machado (2006) também encontraram em seu estudo sobre estados emocionais no esporte de aventura, que os atletas que apresentaram maiores pontuações nos níveis de autoconfiança e autoeficácia obtiveram os índices mais baixos de ansiedade cognitiva e ansiedade somática, ou seja, quanto menor os índices de autoconfiança e/ou autoeficácia observados, maior será o índice de ansiedade cognitiva, além de também relacionarem os maiores índices de autoeficácia com maiores níveis de autoconfiança.

Outros estudos, como o de Barreira e Nakamura (2006), destacam a relação entre autoeficácia e a resiliência, visto que ambas contribuem com formas das

pessoas atingirem melhores respostas e qualidade em seu cotidiano, superando os obstáculos apresentados em seus percursos, ampliando a capacidade de superar diferentes frustrações e fracassos, o que se mostra de extrema importância no contexto esportivo de rendimento.

Assim como este trabalho tenta nos apresentar a alta relação entre diferentes estados emocionais, Lavoura e Machado (2006) mostraram que níveis de autoconfiança, autoeficácia, ansiedade cognitiva e somática se correlacionam e encontram-se atrelados.

Estes autores também encontraram a relação entre o nível de experiência dos atletas com a influência nos níveis de autoconfiança e ansiedade, assim como os resultados apresentados sobre a autoeficácia mostraram que as habilidades técnicas são igualmente um fator determinante para esses atletas perceberem melhor as suas capacidades e condições de realizar determinada tarefa com sucesso.

Assim como Pesca, Cruz e Avilá Filho (2010) mostram a importância da investigação e intervenção psicológica em diferentes âmbitos das relações humanas e suas condutas, como na motivação, dimensões afetivas, sensório-motoras entre outras, este estudo vem ressaltar as relações e importância de todas essas variáveis psicológicas, que na literatura vão ao encontro com os processos da teoria da autoeficácia e, que precisa do psicólogo esportivo como um meio de instrumentalização da teoria.

É importante destacar que o trabalho com atletas de alto rendimento, feito pelo psicólogo do esporte, se torna de interesse por dois objetivos principais segundo Pesca, Cruz e Avilá Filho (2010), que são de auxiliar os atletas a se apropriarem e usarem na prática os princípios psicológicos para atingirem melhores rendimentos e resultados e, entender como a vivência em um ambiente esportivo, no caso o futebol, afeta o desenvolvimento psicológico desses esportistas, sua saúde e bem-estar em geral.

5.4. O papel fundamental da autoeficácia no esporte

Entender a capacidade de adaptação e ajustamento do ser humano diante de acontecimentos e fatos cotidianos ou até mesmo inusitados é, sem dúvida, uma grande questão para a psicologia do esporte. Importantes modelos teóricos da aprendizagem motora, da cognição, da emoção, da personalidade e da interação social tem tentado considerar a capacidade do indivíduo como responsável pela adaptação, em resposta às mudanças ambientais, frequentemente se referindo a ela como competência. O estudo das crenças sobre a competência pessoal e o papel de tais crenças na adaptação humana e na capacidade de ajuste tem uma longa história nas psicologias clínica, da personalidade e social (BANDURA, 1995).

A autoeficácia tem sido citada como um dos fatores psicológicos que mais frequentemente podem influenciar na execução esportiva, e é considerada um foco primário na investigação de diversos psicólogos do esporte. A teoria que mais tem sido utilizada para investigar a autoconfiança no esporte e a execução motora é a teoria da autoeficácia de Bandura (1995), que traça uma relação entre autoeficácia, motivação e execução.

Esta é uma teoria contemporânea desenvolvida por Albert Bandura, dentro do modelo da teoria social cognitiva proposta por ele próprio. A autoeficácia é uma crença ou convicção que o indivíduo tem da sua capacidade de atender as demandas da tarefa com êxito, atingindo assim, determinados tipos de performances ou comportamento (BANDURA, 1993).

Ela consiste então na convicção de que uma pessoa pode executar com sucesso uma dada tarefa que, conseqüentemente, lhe propiciará um resultado satisfatório, sendo este relativo às crenças e pensamentos pessoais acerca das próprias capacidades de atender a demanda proposta ou, como definiu Albert Bandura, como o “julgamento das próprias capacidades de executar cursos de ação exigidos para se atingir certo grau de performance” (BANDURA, 1986, p.391).

Portanto, a autoeficácia é um fenômeno perceptível cujo seu resultado é uma mudança no comportamento do indivíduo. Baseando-se na perspectiva da teoria social cognitiva, a qual possibilitou o desenvolvimento da teoria da autoeficácia, o indivíduo, por conta das capacidades básicas humanas (simbolização, antecipação, autorreflexão, aprendizagem vicária e autorregulação), possui um sistema autorreferente que o possibilita agir intencionalmente em direção a fins específicos,

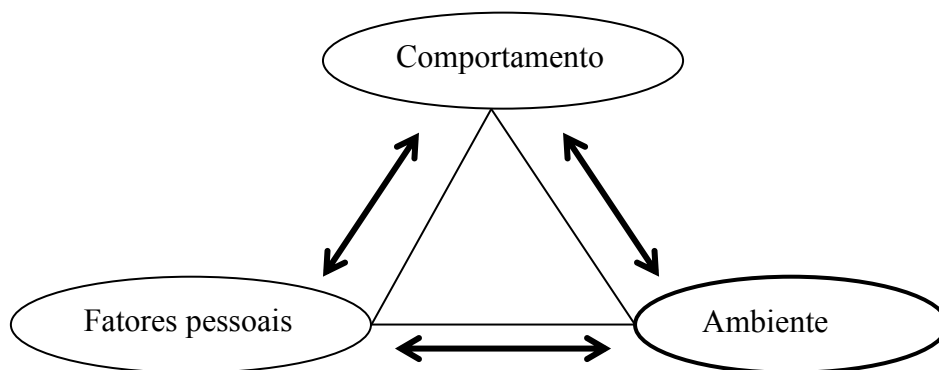
elaborar planos de ação, antecipar possíveis resultados, avaliar e replanejar cursos de ação (BANDURA, 2001).

A teoria da autoeficácia necessita de duas perspectivas básicas, visto que a primeira é a expectativa de eficácia pessoal, ou seja, o quanto a pessoa tem certeza de que é capaz de realizar com sucesso determinada ação e, desse modo, alcançar o objetivo esperado. Já na segunda, a expectativa de resultado, que é definida como a crença de que realizar certa atividade acarretará em um resultado específico.

Ou seja, elas se diferenciam em um aspecto, uma vez que na primeira situação a pessoa sabe o resultado e tem certeza que consegue alcançá-lo e, na segunda, a pessoa sabe o resultado que esta ação ocasionaria, mas não se assegura que consegue realizar, sendo essas expectativas preditores de desempenho (PESCA; CRUZ; AVILÁ FILHO, 2010).

Na lógica da teoria social cognitiva, o comportamento humano é expressão de uma relação de constante interação entre o indivíduo e meio em que ele está inserido. Essa relação é denominada de reciprocidade triádica, esquematicamente representada por um triângulo em que os três hipotéticos vértices mantêm influência em dois sentidos com forças não necessariamente equivalentes (BANDURA, 1986), como mostra a figura 1.

Figura 1. Esquema representativo da reciprocidade triádica.



Fonte: adaptado de Bandura (1986, p. 24-25)

Bandura (1997) destaca que a reciprocidade entre os elementos que compõem o modelo triádico provê às pessoas oportunidades para exercer algum controle sobre os seus destinos, assim como para colocar limites ao seu autodirecionamento.

Partindo da premissa de que o comportamento humano é determinado por múltiplos decorrentes das condições psicofísicas do indivíduo, a demanda da tarefa dos aspectos de natureza ambiental, compreende-se a crença da autoeficácia como um dos elementos-chave para se entender o ajuste e a adaptação do comportamento humano diante de inúmeras condições.

A autoeficácia, dentro do aspecto cognitivo-social, é colocada como um mecanismo cognitivo que mede a motivação nas pessoas nos padrões de pensamento e na conduta. As crenças sobre autoeficácia, definidas como julgamentos das pessoas sobre sua capacidade para executar níveis determinados, são o produto de um processo complexo de autopersuasão.

A crença e pensamentos em respeito das próprias capacidades de realizar certas atividades são fundamentais para se obter os resultados desejados, pois assim como Moreno, Rebutini e Machado (2006) afirmam, a autoeficácia atua no nível de convicção desta pessoa, tornando mais próximo o sucesso para executar um certo tipo de comportamento. Desta forma, pessoas que conseguem obter uma boa percepção de autoeficácia tendem a estipular metas mais ambiciosas e acabam por se esforçar mais para alcançá-las (PESCA; CRUZ; AVILÁ FILHO, 2010).

A avaliação subjetiva da autoeficácia oriunda do processo de autopersuasão é feita a respeito da possibilidade de lidar com todos os aspectos envolvidos na situação, não se restringindo à análise a partir do julgamento ou das sub-habilidades envolvidas na ação específica, e sim a partir do julgamento sobre a possibilidade de lidar com as diferentes condições contextuais que podem ocorrer.

A autopersuasão é dependente do processamento cognitivo de diversas fontes de informação de eficácia (BANDURA, 1986). Em síntese, a autoeficácia percebida não é relativa ao número de habilidades que se tem, mas sim com o que o indivíduo julga poder fazer com as capacidades que ele tem diante de uma variedade de circunstâncias (BANDURA, 1997).

Portanto, uma percepção de autoeficácia não se trata somente as condições técnicas ou sub-habilidades necessárias para que ação ocorra e nem com as demandas da tarefa. Refere-se então, única e exclusivamente, ao julgamento individual para lidar com determinado contexto, sendo, portanto, específica da situação.

Como já mencionado anteriormente, para que a autoeficácia não seja dependente fundamentalmente das condições físicas e técnicas dos atletas, que se

necessita de uma avaliação contextual para detecção dos variados elementos que podem interferir no desempenho atlético e, que ela depende exclusivamente das crenças e julgamentos que os indivíduos têm de si mesmos diante o cumprimento de uma tarefa.

Para se obter um rendimento esportivo otimizado é necessário que o atleta apresente uma autoeficácia elevada, ou então, uma melhoria de perspectiva desta, pois ela exerce papel fundamental na adesão e manutenção de atividades físicas e exercícios (AZZI; POLYDORO, 2006), além de mantê-lo estimulado com a prática. Porém, o indivíduo também precisa possuir conhecimento e competências para as tarefas que terá que executar que, conseqüentemente, possibilitará produzir um desempenho bem-sucedido.

Outro fator importe ressaltado por Pesca, Cruz e Avilá Filho (2010) é que não devemos confundir as expectativas de autoeficácia com os resultados apresentados, principalmente no âmbito esportivo de alto rendimento. Devemos então tomar como parâmetro certos comportamentos a serem produzidos, e esses sim poderão acarretar em um resultado satisfatório.

Desta maneira, usando uma partida de futebol para exemplificar, se o jogador conseguir ultrapassar seus adversários, driblando o goleiro e ficando de frente para gol, ele já atingiu a possibilidade de marcar gol, deste modo o atleta antes mesmo de marcar alcançou a expectativa de autoeficácia, pois esse conseguiu reproduzir os passos necessários para se chegar ao objetivo e, nessa situação, o desfecho não se faz tão importante (FELTZ; CHASE, 1998).

Percebe-se então que estudar o tema seria uma ferramenta a contribuir com técnicos, treinadores, psicólogos esportivos e demais profissionais envolvidos com a modalidade, oferecendo um conhecimento mais detalhado sobre a importância da psicologia do esporte, como também da autoeficácia para que se atinja cada vez mais uma melhora na performance.

6. CONCLUSÃO:

Ao longo deste trabalho, abordamos diferentes aspectos importantes para a compreensão dos fatores que influenciam nos níveis de autoeficácia dos atletas de futebol na atualidade, podendo notar que todos, de maneira direta ou indireta, agindo com maior ou menor grau de influência, acabam por interferir na autoeficácia de diferentes jogadores, dependendo de seu contexto e fatores pessoais.

Pensando neste contexto, observamos que a dinâmica das mudanças que vem sofrendo aumenta cada vez mais e novas necessidades surgem. A globalização do esporte e divulgação quase que instantaneamente em diversos níveis da prática torna todo seu processo muito mais complexo, pois agora inúmeras pessoas têm contato com o desempenho de determinados jogadores, que acompanham isso tudo, pressionando-os mais ainda, pois o julgamento de sua capacidade se eleva a outro nível.

Portanto, corroborando com outros estudos e pensadores como Weinberg e Gould (2008), não podemos deixar de ressaltar a importância da psicologia do esporte neste meio, em que o treinamento básico e essencial para um bom desempenho esportivo é formado por no mínimo quatro aspectos: técnico, tático, físico e psicológico.

Deste modo, o psicólogo do esporte vem para acrescentar no treinamento de questões como o controle da ansiedade, estresse, motivação, técnicas de resiliência, entre outras, além de poder compreender de maneira mais clara essas interferências externas e internas que os atletas sofrem no esporte de alto nível e que se torna fundamental para um melhor rendimento.

Observamos como as relações com o técnico, torcida, companheiros de equipe, patrocinadores e mídia influenciam direta ou indiretamente no desempenho

e no modo como julgam serem capazes de realizar suas atividades da melhor maneira possível.

Assim como Pesca, Cruz e Avilá Filho (2011) afirmaram, observamos que auxiliar o atleta a compreender essas relações, usar na prática os princípios psicológicos e saber como enfrentar diferentes situações é muito importante para que este atinja uma melhor performance, aperfeiçoando sua percepção de autoconfiança e autoeficácia, sempre atrelados ao bom desempenho técnico, tático e físico.

Demonstrar e fazer com que os atletas enxerguem o funcionamento do “mundo do futebol” também se mostrou relevante, pois muitos acabam não observando as interferências que sofrem por influências de patrocinadores, familiares, clubes e demais interessados no “negócio futebol”, sendo essas pressões que modificam os níveis de ansiedade, estresse, motivação, autoeficácia, entre outros aspectos psicológicos, interferindo diretamente no rendimento.

Desta forma, uma melhor preparação psicológica do atleta de futebol poderá render melhores estratégias de enfrentamento das dificuldades apresentadas, deixando-o seguro com o que tem de apresentar dentro de campo, independente dos fatores externos ou inseguranças internas que possam surgir.

Nesta linha de raciocínio notamos a importância de se trabalhar cada aspecto psicológico e as correlações que estes têm, no qual trabalhos específicos com diferentes capacidades cognitivas poderiam levar a melhora das mesmas e de outras que sofrem interferência direta, como vimos no trabalho de Neves e Faria (2007), em que apontam que a autoeficácia influencia o nível de motivação e comportamento do indivíduo.

Este estudo, assim como o de Pesca, Cruz e Avilá Filho (2010), veio demonstrar como a autoeficácia pode auxiliar no processo de ensino-aprendizagem e no gerenciamento da ansiedade, exercendo um importante papel na autorregulação da motivação, que por sua vez pode melhorar o desempenho dos atletas.

De maneira mais direta, neste trabalho podemos compreender a fundamental importância de se investigar e intervir nas dimensões psicológicas, por meio do trabalho do psicólogo do esporte, que vão de encontro com as propostas apresentadas na teoria da autoeficácia, nas quais devemos trabalhar os fatores cognitivos, motivacionais, afetivos e de seleção.

REFERÊNCIAS:

- APITZSCH, E. La personalidad del jugador de futebol de elite. **Revista de Psicologia del Deporte**. v. 6, 1994.
- AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J. **Autoeficácia em diferentes contextos**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006. 159 p.
- BANDURA, A. Social Cognitive Theory: An agentic perspective. **Annual review of psychology**, v.52, p.1-26. Palo Alto: Annual Reviews. 2001;
- BANDURA, A. **Selfefficacy in changing societies**. New York: Cambridge University Press, 1995.
- BANDURA, A. Perceived selfefficacy in cognitive development and functioning. **Educational Psychologist**, v.28, p.117-148, 1993.
- BANDURA, A. **Social Fundations of Thought and Action**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1986.
- BANDURA, A. **Social Learning Theory**. New Jersey: Prentice Hall, 1997.
- BARBIERI, F. A; BENITES, L. C; DE SOUZA NETO, S. Os sistemas de jogo e as regras do futebol: considerações sobre suas modificações. **Motriz-revista de Educação Física**. Rio Claro. v. 15, n. 2, p. 427-435, 2009.
- BARREIRA, D.D.; NAKAMURA, A.P. **Resiliência e a autoeficácia percebida: articulação entre conceitos**. Canoas, p.75-80 2006.
- BRANDÃO, M. R. F; AGRESTA, M.; REBUSTINI, F. Estados Emocionais de técnicos brasileiros de alto rendimento. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v.10, n.3, p.25-28. 2002.
- CARRAVETA, E. **O jogador de futebol. Técnicas, Treinamento e Rendimento**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.
- CASAL, H. M. V.. Treinamento desportivo e psicologia do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 8, n. 4, p.37-44, set. 2000.
- CHERNISS, C.; SCHAUFELI, W. B; MASLACH, C.; MAREK, T. Professional burnout: Recent developments in theory and research. In: _____. (Org.). **Role of professional selfefficacy in the etiology and amelioration of burnout**. 1993. p.135-149.
- CRATTY, B.J. **Psicologia no esporte**. Prentice-Hall, Rio de Janeiro: 1983.
- ESPN. **As contratações mais caras da história do futebol**, 2013. Apresenta informações sobre futebol. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/fotos/352997_top-

10-espn-atualizado-as-contratacoes-mais-caras-da-historia-do-futebol>. - Acesso em: 03 abr. 2016.

FELTZ, D. L.; CHASE, M. A. The Measurement of Self-Efficacy and Confidence in Sport. In: DUDA, J.L. **Advances in Sport and Exercise Psychology Measurement**. Purdue University: Book Crafters, 1998.

LAVOURA, T. N.; MACHADO, A. A. Esporte de aventura de rendimento e estados emocionais: relações entre ansiedade, autoconfiança e autoeficácia. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 2, p.143-148, maio 2006.

LEONCINI, M. P.; SILVA, M.T.. Entendendo o futebol como um negócio: um estudo exploratório. **Gestão & Produção**, São Paulo, v. 12, n. 1, p.11-23, jan. 2004.

LORD, R.H; KOZAR, B. Pain tolerance in the presence of others: implications for youth sports. In: _____. (Org.). **Physician and Sports Medicine**, 1989. p. 71-77.

MACHADO, A. A. **Psicologia do Esporte**: Temas Emergentes. Jundiaí-SP: Ápice Editora, 1997. 191 p.

MACHADO, A. A. Agressão e ansiedade em esportistas adolescentes. In: Buriti, m de A. (org) **Psicologia do Esporte**. Campinas: Alinea, 1997a. p. 67-90.

MACHADO, A, A. A relação conturbada entre torcida e atletas: quem exige o que de quem?. In: _____. (Org.). **Psicologia do esporte**: da escola à competição. Jundiaí-SP. 2011. p. 165-180.

MARQUES, M. **Psicologia do esporte**. Canoas: Editora da Ulbra, 2003.

MARTINS, J. C. Esporte e civilização na modernidade. In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. 2009. Salvador. **Anais**.. Salvador: 2009. 6 p. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2009/XVI/paper/view/974>>. acesso em: 22 jul. 2016.

MORENO, R.M.; RUBUSTINI, F.; MACHADO, A.A. A autoeficácia no tênis de campo: uma perspectiva da Psicologia do Esporte. **Revista digital Efdeportes**. Buenos Aires. v.10. n. 93, 2006.

MORAES, L. C. Ansiedade e desempenho no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.4, n. 2, p.51-56, 1998.

NEVES, S.P.; FARIA, L. Autoeficácia acadêmica e atribuições causais em Português e Matemática. **Revista Análise Psicológica**. v. 4, n. 25, p. 635-652, 2007.

OLIVEIRA, A. F. Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v.4, n.13, p.170-174. Set/Out/Nov/Dez. 2012.

OLIVEIRA, J.; VOSER, R. C.; HERNANDEZ, J. A. E. A comparação da preferência do estilo de liderança do treinador ideal entre jogadores de futebol e futsal. **Revista**

digital Efdeportes, Buenos Aires, v. 10, n.76, set.2004. Disponível em:
<<https://www.researchgate.net/publication/28073038>> Acesso em: 21 jul. 2016.

PESCA, A. D.; CRUZ, R. M.; ÁVILA FILHO, M. A. P. Estudos de autoeficácia em psicologia do esporte. **Revista de Psicologia**, Florianópolis, v. 1, 2010.

RABELO, D.F.; NERI, A.L. Recursos psicológicos e ajustamento pessoal frente à incapacidade funcional na velhice. **Psicologia em Estudo**, Maringá. v. 10, n. 3, p. 403-412, 2005.

SANTOS, E. Caderno técnico-didático futebol. Brasília: SEED/DDD, 1979.

SOUZA NETO, S. A festa mundial do esporte. In: _____. (Org.). Futebol: esporte universal. **Cidade Nova**, ano XXXII, n. 3, maio, 1990.

TAHARA A.; SCHWARTZ G. M.; SILVA K. A. Perspectivas qualitativas na relação técnico atleta. **R. Min. Educ. Fís.**, Viçosa, v. 11, n. 1, p. 56-66, 2003.

VENZON, H. **Futebol interativo**. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1998.

WEINBERG, R.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Orientador

Co-orientador

Discente